

GRAMATICALIZAÇÃO DA PERÍFRASE VERBAL DE FUTURO (IR +ESTAR+GERÚNDIO)

Gisonaldo Arcanjo de Sousa (SEEC- RN)
Gisonaldo.arcanjo@bol.com.br
Camilo Rosa Silva (UFPB)
camilorosa@hotmail.com.br

Introdução

É natural que as línguas vivas disponibilizem aos falantes, em um mesmo espaço de tempo, uma ou várias maneiras de dizer a mesma coisa. Com o português falado pelos brasileiros não é diferente: há variedade/diversidade de formas para expressar a mesma ideia; do mesmo modo, uma única estrutura pode codificar ideias distintas, a depender do contexto.

Conforme se verá neste trabalho, essa multiplicidade de formas atinge a língua portuguesa no que tange à codificação linguística do tempo futuro. Acredita-se que o caráter diversificador dos itens da língua surge com a finalidade de atender às necessidades de comunicação dos falantes porque a língua – qualquer uma – é dinâmica, não para, evolui.

A questão central desta pesquisa é o estudo da expressão perifrástica gerundiva com valor de futuro. Este trabalho tenta contribuir para a descrição do fenômeno em tela, através da análise das formas verbais de futuro compostas por *ir + estar + gerúndio*, que passam a ser denominadas neste trabalho de FPG(s). Veja-se um exemplo de ocorrências com FPG (s):

(1) E diante do que foi colocado no estudo de hoje percebemos que vamos estar passando por uma nova crise mundial...elas aparecem e desaparecem, de repente, e vão e voltam...(PC)

É uma análise funcionalista. Propor uma análise moldada no funcionalismo linguístico significa dizer que se procura interpretar os resultados a partir de seus princípios, aqui ancorados no fenômeno da gramaticalização.

Analisar a estrutura de futuro formada com o gerúndio é tarefa um tanto complexa porque exige que se considerem categorias como a aspectualidade, a modalidade, a auxiliaridade, a temporalidade, além de outras diretamente relacionadas ao verbo. Entretanto, por ser complexo, não significa que não possa ser desvendado. Pelo contrário, instiga o pesquisador a descobrir e adentrar mais ainda no universo da linguagem para descrevê-lo e lançar luz sobre a natureza particular de alguns fenômenos.

É certo que a presença do gerúndio nas locuções verbais provoca um desconforto em alguns gramáticos tradicionais. No entanto, essas relativas “novas construções” passaram a integrar as possibilidades expressivas da língua. Pode-se investigar se essa forma codificadora de futuro não compatível com os usos considerados padrões irá perecer com o tempo ou, se for aceita pelos utentes, *vai estar se incorporando* à língua como aconteceu com outras construções.

A investigação se deu mediante uma análise funcional do uso das expressões gerundivas (*ir + estar + gerúndio*) no discurso em sala de aula de professores das

cidades de Natal, de Caicó e de Serra Negra do Norte. São professores do ensino médio, universitário e de pós-graduação nos anos de 2008 e 2009.

O *corpus* foi formado através de gravação eletrônica das aulas de nove professores. Esta seleção se deu de forma aleatória nas cidades já citadas e com o consentimento dos envolvidos.

Eles foram identificados por números e formam o universo abaixo:

Nº	Formação	Cidade	Área
01	Especialização	Serra Negra	Exatas
02	Graduação	Serra Negra	Humanas
03	Graduação	Serra Negra	Biológica
04	Doutorado	Caicó	Humanas
05	Doutorado	Caicó	Humanas
06	Doutorado	Caicó	Humanas
07	Doutorado	Natal	Humanas
08	Doutorado	Natal	Humanas
09	Doutorado	Natal	Humanas

Quadro 01- Professores formadores do *corpus*.

Os docentes informantes pertencem às áreas de Ciências Humanas, Ciências Exatas e Ciências Biológicas, entretanto, não houve preocupação em igualar os números de professores às áreas de ensino.

O trabalho, então, evidencia o estudo sobre a forma perifrástica gerundiva com valor de futuro, estruturando-se em alguns tópicos tais como: gramaticalização: conceito e discussões o qual aborda e discute o conceito do termo, bem como apresenta os mecanismos do fenômeno em pauta. Em um outro tópico denominado gramaticalizando, analisa-se a gramaticalização acontecendo nas FPG(s), enfatizando o subprincípio da estratificação.

1 Gramaticalização: conceito e discussões

Meillet (1912, p.131) foi quem primeiro usou o termo gramaticalização para definir “passagem de uma palavra autônoma à função de elemento gramatical” embora se saiba que os estudos iniciais tenham ocorrido no século X, na China, e percorrido boa parte da Europa até chegar ao Oeste Americano.

Pode-se também, cronologicamente, apontar outras definições para o termo obedecendo à mesma linha racional de Meillet.

Samuels (1971, p.58) afirma que “a gramaticalização ocorre quando uma palavra se torna suficientemente vazia de conteúdo lexical.” O que para Lehmann (1982) e Heine e Reh (1984) é a dessemantização.

Para Kurylowicz (1964, p.52): “gramaticalização consiste no aumento do limite de um morfema que avança de um *status* lexical para um gramatical ou de um menos gramatical para um mais gramatical.”

Heine e Reh (1984, p.15) definem gramaticalização como “um processo em que unidades lingüísticas perdem em complexidade semântica, significação pragmática, liberdade sintática e substância fonética, respectivamente.”

Sankoff (1988, p.17) cita que a “gramaticalização está presente quando palavras de conteúdo ou morfema de classe aberta da língua tornam-se palavras funcionais, ou morfemas de classe fechada.”

Heine, Claudi e Hünnemayer (1991, p.2) percebem que “a gramaticalização é um processo que pode ser encontrado em todas as línguas e pode envolver qualquer tipo de função gramatical; ocorre quando uma estrutura lexical assume uma função gramatical ou quando uma unidade gramatical assume uma função mais gramatical ainda.”

Traugott e König (1991, p.189) conceituam gramaticalização referindo-se “ao processo histórico unidirecional e dinâmico pelo qual itens lexicais adquirem novos *status* como formas gramaticais morfossintáticas e passam a codificar relações não codificadas ou codificadas diferente.”

É importante registrar que todo o estudo sobre gramaticalização comunga desses pontos:

- Distinguem itens do léxico, signos linguísticos plenos, classes abertas de palavras, lexemas concretos, palavras principais, de um lado, e itens da gramática, classes fechadas de palavras, lexemas abstratos, palavras acessórias, do outro.

- Consideram que as últimas categorias tendem a se originar das primeiras.

O processo de gramaticalização provoca uma inquietação no sistema linguístico. Hopper (1998) entende que a gramática das línguas vai sendo constantemente negociada no processo da comunicação e que não há gramática pronta, mas em constante construção.

Dependendo da ótica de quem estuda a gramaticalização, ela pode ser vista como paradigmática, processual, diacrônica, sincrônica ou, ainda, combinadas às duas últimas, isto é, pancrônica.

Ela se instaura no instante em que uma unidade linguística lexical começa a adquirir um uso gramatical ou, se já possui essa formação gramatical, migra para uma ainda mais gramatical.

Hopper (1991) propõe cinco princípios de gramaticalização. São eles:

1. Estratificação: em um domínio funcional amplo, novas camadas estão emergindo continuamente. Nesse ínterim, entre o velho e o novo, as camadas velhas não necessitam ser descartadas, mas podem coexistir com as camadas mais novas.

2. Divergência: se uma forma lexical sofre gramaticalização, a forma original pode permanecer como autônoma, sujeita às mesmas mudanças a que se submete um item lexical comum. Segundo Silva (2005), as formas podem comungar da mesma etimologia, mas do ponto de vista funcional, há divergências.

3. Especialização: explica que dentro de um domínio funcional, num determinado estágio, é possível a variedade das formas com nuances semânticas diferentes. Essa variedade estreita-se ao se configurar a gramaticalização, e, portanto, reduzem-se a variedade e opções de escolhas formais.

4. Persistência: diz respeito à percepção de vestígios-fontes, ou seja, “as relíquias de outrora”¹ deixadas por seus significados originais, ao longo do trajeto traçado pela gramaticalização.

5. Decategorização: as formas, ao passarem pelo processo de gramaticalização, tendem a perder ou neutralizar as marcas morfológicas e sintáticas que são peculiares às categorias plenas (nomes e verbos). Passam, pois, a se caracterizar como categorias secundárias (adjetivos, participios, preposições e conjunções).

¹ Givón (1979, p. 83).

Contraopondo-se a Hopper, Castilho (1997), entende que os princípios acima citados relacionam-se a quatro outros princípios, os quais podem representar os estágios de gramaticalização:

- Analogia – envolve a atração de formas não existentes para se uniformizar com construções já existentes.
- reanálise² – acontece quando uma forma perde os limites de sua constituição e passa a ter, em diversas instâncias, estrutura e sentido diferentes daqueles do falante, pela ação dos cortes não imediatos resultantes da abdução.
- Continuidade e gradualismo – explicam a efetivação da renovação das estruturas da língua como processo contínuo e gradual.
- Unidirecionalidade³ – mostra a irreversibilidade do movimento da gramaticalização.

Givón procurou aprofundar-se nos estudos sobre a gramaticalização, apesar de preferir o termo sintaticização. Ele mergulha nos módulos do léxico e da morfologia e emerge com “a introdução do discurso⁴ como um parâmetro maior para o entendimento da estrutura da língua e também com o desenvolvimento de estruturas e categorias gramaticais”. (VOTRE, 2007, p.24).

Ele que afirmara que “a morfologia de hoje é a sintaxe de ontem” (1971, p.413) adita que “a sintaxe de hoje é o discurso pragmático de ontem” Givón (1979, 208-209) argumentando que no processo de gramaticalização o modo mais pragmático de comunicação abre um caminho para um modo mais sintático, com isso, expressões linguísticas com vinculação sintática fraca se transformam em expressões sintáticas fortemente ligadas.

Múltiplas são as definições para gramaticalização, todas baseadas na definição clássica de Meillet (1912), porém não suficientes para determinar tal fenômeno. Braga (1999) aponta que a gramaticalização sofreu alargamento e hoje inclui o estudo do itinerário percorrido por formas linguísticas e por construções emergentes.

O princípio da gramaticalização – um dos vários processos de mudanças linguísticas – é um dos mais perceptíveis nas línguas porque o sistema mantém-se em constante inquietação e renovação. Isso é percebido pelo surgimento de novas funções para formas que já existem.

Assim, baseando-se nesses enfoques, passa-se a verificar os dados do *corpus* – as FPGs - à luz da gramaticalização,

Desta forma, verifica-se, através dos dados, um processo de gramaticalização da FPG provocado pela inquietação da combinação dos verbos auxiliares que sugerem uma outra significação diferente do sentido fonte.

*(2) E diante do que foi colocado no estudo de hoje percebemos que **vamos estar passando** por uma nova crise mundial...elas aparecem e desaparecem, de repente, e vão e voltam...(PN)*

² A reanálise, apesar de muito importante para se instaurar a gramaticalização, não é condição essencial para que ocorra o processo.

³ Os defensores da unidirecionalidade acreditam no caráter antireverso da direção das formas em processo de gramaticalização. No entanto, algumas abordagens contestam a veracidade do princípio, alegando nem sempre haver uma mudança do concreto para o abstrato, tendo em vista a existência dos contraexemplos (antigramaticais). Porém, são raros na língua, porque para se estabelecer o reverso da unidirecionalidade deve-se cumprir o trajeto de forma gradual: (G3 > G2 > G1) (BRINTON; TRAUGOTT, 2005). O trajeto escalar referido expressa os níveis de gramaticalidade, no que diz respeito à fusão com elementos externos: G1= perífrases; G2= formas semi-direcionadas e clítics; G3= afixos.

⁴ Para Givón, discurso deve ser compreendido como macrossintaxe e não como modelo de interação.

1.1 Mecanismos da gramaticalização

1.1.1 Estratificação

Embora existam outros mecanismos de gramaticalização, optou-se aqui apenas por se discutir a estratificação, tendo em vista ser o que mais interessa a esse estudo.

A estratificação é um princípio bastante evidenciado em análises funcionalistas e diz respeito à convivência harmônica entre formas que existem para desempenhar a mesma função. O velho, nesse caso, não precisa ser refutado. Ele passa a desempenhar sua função ao lado do novo, como é perceptível no dado abaixo:

(3) *Viajaremos na sexta e... só retornaremos na quinta. **Vamos estar apresentando** um seminário... então como eu ia falando...os textos são grandes, mas apresentam boa leitura... durante esse tempo leiam... quando chegar **retornaremos** de imediato o assunto...(PN)*

Observe que se têm no dado acima várias formas de expressão de futuro. Uma canônica que introduz o primeiro período: *viajaremos*; uma FPG que também faz uma introdução do segundo período: *vamos estar apresentando*, e, por último, novamente a forma canônica do verbo retornar: *retornaremos*.

Interessante é que se encontrou uma perífrase com a presença do verbo *ir*, *ia falando*, mas que não tem valor de futuro. Neste caso, tem-se, segundo Givón (1995, p.207), uma construção serial. Nela se observam duas predicções: a primária e a secundária, cuja atribuição de flexão é feita através de um verbo principal semântico. Givón ainda adverte que a noção de “verbo principal semântico” é desfeita quando o verbo é gramaticalizado em um marcador temporal, aspectual e modal como é o caso do verbo *ir*.

Silva (2005), em sua dissertação de mestrado, baseando-se em Givón (1995), afirma que “os chamados auxiliares gramaticalizados, como *ir*, retém as propriedades morfossintáticas dos verbos principais mesmo depois de perder todos os vestígios de sua natureza semântica verbal.” Sendo assim, não se pode identificar o verbo principal de uma construção serial tomando por base os critérios puramente morfossintáticos.

Em outras ocorrências, tanto em Caicó (PC) como em Serra Negra do Norte (PSNN), observa-se o mesmo fenômeno de estratificação na fala dos professores:

(4) *As pessoas daqui a algum tempo **vão estar fazendo** uso de vários recursos retirados do lixo...ele...o problema maior do povo...um problemão...o lixo **será** o vilão da humanidade...(PC)*

(5) *É interessante o assunto. **Vou estar conferindo** pessoalmente quando chegar em casa...conferindo e pronto. **Aí saberei** se posso ir ou não. Vai depender...(PSNN)*

A FPG convive num mesmo recorte sincrônico com outras formas de expressão de futuro.

Assim, a língua é capaz de criar novas formas e pode ocasionar a transformação do sistema, introduzindo categorias para as quais, anteriormente, ou não existiam expressões linguísticas ou eram outras as expressões utilizadas. O processo de gramaticalização modifica o sistema; afeta tanto as palavras, individualmente, quanto as sentenças. Como se percebe, trata-se de um processo de renovação/troca de velhas

categorias por outras novas, com valor aproximado como acontece com a substituição de futuros flexionais por perífrases verbais.

2 Gramaticalizando

O princípio da gramaticalização – um dos vários processos de mudanças linguísticas – é um dos mais perceptíveis nas línguas, visto que se constitui no fato de o sistema manter-se em constante inquietação e renovação. Isso é atestado pelo surgimento de novas funções para formas que já existem.

Baseando-se nesse enfoque, passa-se a verificar os dados da pesquisa – as FPGs - à luz do processo da gramaticalização. O intento é verificar como se estabelece o processo de gramaticalização da FPG provocado pela instabilidade da combinação dos verbos auxiliares que sugerem uma outra significação diferente do sentido fonte. Veja-se o dado exposto a seguir:

(6) *E diante do que foi colocado no estudo de hoje percebemos que vamos estar passando por uma nova crise mundial...elas aparecem e desaparecem, de repente, e vão e voltam...(PC)*

Observa-se, na ocorrência perifrástica, que o verbo *ir* perdeu o seu sentido original. Ele combinado com o verbo *estar* mais gerúndio remete a uma ideia de futuridade. Assim, em algumas construções, o verbo *ir* “flutua”, “passeia” entre seu significado fonte e o outro – resultado da combinação com verbos formadores da FPG.

Aqui se retoma o princípio da estratificação, pois dialoga, de maneira mais específica, com as questões provocadoras da pesquisa.

2.1 A Estratificação nas FPG(s)

A estratificação é um princípio bastante evidenciado em análises funcionalistas e diz respeito à convivência harmônica entre formas várias que existem para desempenhar uma mesma função. O velho, nesse caso, não precisa ser refutado. Passa a desempenhar sua função ao lado do novo, como é perceptível no dado abaixo:

(7) *Viajaremos na sexta e... só retornaremos na quinta. Vamos estar apresentando um seminário... então como eu ia falando...os textos são grandes, mas apresentam boa leitura... durante esse tempo leiam... quando chegar retornaremos de imediato o assunto...(PN)*

Observe que se tem, na ocorrência acima, distintas formas de expressão de futuro. Uma forma canônica que introduz o primeiro período: *viajaremos*; uma FPG que abre o segundo período: *vamos estar apresentando*, e, por último, novamente a forma canônica do verbo retornar: *retornaremos*.

Curioso é que se encontrou uma perífrase com a presença do verbo *ir*, *ia falando*, mas que não tem valor de futuro. Nesse caso, tem-se, conforme defendido por Givón (1995, p. 207), uma construção serial. Nela se observam duas predicções: a primária e a secundária, cuja atribuição de flexão é feita através de um verbo principal semântico. Mas Givón adverte que a noção de verbo principal semântico é desfeita quando o verbo é gramaticalizado em um marcador temporal, aspectual e modal, como é o caso do verbo *ir*.

(8)...então pra gente encontrar o material da pirâmide...a gente não tem de medir a altura da pirâmide...a altura da pirâmide vai servir pra encontrar o volume...e isso vai ser na próxima aula que nós vamos...é...a partir de uma figura que vocês vão construir, cês vão descobrir como se acha o volume de uma pirâmide...Não...eu não vou dizer pra vocês a fórmula ...a gente vai tentar...através das descobertas...descobrir essa fórmula...a gente vai tentar...através da descobertas...descobrir essa fórmula do volume...da...pirâmide como eu **ia falando** ...cês tão acompanhando aí?... (PSNN)

Silva (2005), em sua dissertação de mestrado, baseando-se em Givón (1995), afirma que os chamados auxiliares gramaticalizados, como **ir**, retêm as propriedades morfossintáticas dos verbos principais mesmo depois de perderem todos os vestígios de sua natureza semântica verbal. Sendo assim, não se pode identificar o verbo principal de uma construção serial tomando por base os critérios puramente morfossintáticos.

Em outras ocorrências do *corpus*, observa-se o mesmo fenômeno de estratificação na fala dos professores:

(9) *As pessoas daqui a algum tempo vão estar fazendo uso de vários recursos retirados do lixo...ele...o problema maior do povo...um problemão...o lixo será o vilão da humanidade...*(PC)

(10) *É interessante o assunto. Vou estar conferindo pessoalmente quando chegar em casa...conferindo e pronto. Aí saberei se posso ir ou não. Vai depender...*(PSNN)

A FPG convive, em um mesmo recorte sincrônico, com outras formas de expressão de futuro mesmo porque há especificidades presentes na expressão de modo e aspecto nessas construções. Isso comprova que a língua é capaz de criar novas formas e pode ocasionar a transformação do sistema, introduzindo categorias para as quais, anteriormente, ou não existiam expressões linguísticas ou eram outras as expressões utilizadas.

Sabe-se que o processo de gramaticalização modifica o sistema; afeta tanto as palavras ou expressões, individualmente, quanto as sentenças. Como se percebe, trata-se de um processo de renovação/substituição de velhas formas/funções por outras novas, com valor aproximado, como acontece com a substituição de futuros flexionais por perífrases verbais.

Verificando a disposição dos verbos nas FPGs da amostra do *corpus* observou-se que a maioria delas vem acompanhada por advérbios/loções adverbiais de tempo/oração adverbial. O conteúdo informacional relacionado a tempo reforça o uso das FPGs nas três cidades pesquisadas:

(11) *Garantam já suas carteiras de estudantes, pois vão estar passando **essa semana** pessoas para pegá-las. Quem quiser antes pode pegar com Marcos no Departamento. Aviso dado. Continuaremos com a aula...veremos o modelo...* (PC)

(12) *Inventaram aí umas historinhas bestas.Na segunda estarei aqui mesmo, na aula...e só vou estar corrigindo os relatórios **depois**. Não se preocupem eu darei o resultado a tempo.* (PC)

(13) *Viajaremos na sexta e ...só retornaremos **na quinta**. Vamos estar apresentando um seminário...então como eu ia falando...os textos são*

grandes mas apresentam boa leitura...durante esse tempo leiam...quando chegar retornaremos de imediato ao assunto... (PN)

(14)...É sim...assim vocês vão estar aplicando a Teoria de Einstein na fórmula...é só resolver depois...chegar ao resultado...pode ser simples...é bom que vocês aprendam. É pra prova...(PSNN)

(15) É interessante o assunto. Vou estar conferindo pessoalmente quando chegar em casa...conferindo e pronto. Aí saberei se posso ir ou não. Vai depender. (PSNN)

Observa-se que os dados acima estão carregados de aspectualidade. Comrie (1981) afirma haver dois tipos de aspectos: a) o perfectivo - que descreve uma situação de curta duração e b) o imperfectivo – evidenciador de uma duração mais longa. Os dois tipos de aspectos podem ser usados para referendar uma extensão temporal de uma situação que se prolonga no tempo. É o que acontece quando se combinam as formas perfectivas com advérbios de tempo. Essa combinação/junção resulta uma expressão que pode ser confundida com aspecto imperfectivo.

Em (11), percebe-se que a expressão temporal “essa semana” contígua à FPG implícita a ideia de durabilidade da ação. O que é perceptível também em (12), (13), (14) e (15) com relação à expressão adverbial destacada.

Comrie (1981) define a durabilidade como uma ação que se prolonga no tempo. Ela é oposta à pontualidade – ação que se realiza momentaneamente. Dessa forma, por definição, entende-se que elas duas seriam incompatíveis. No entanto, observando a distribuição dos verbos plenos nas perífrases em análise, constatou-se que verbos com nuances pontuais como *passar, corrigir, fazer, assinar, mandar, conferir* ao lado de *ir* e *estar* remetem a um aspecto durativo.

Observa-se que os verbos dispostos nas amostras do *corpus* apresentam pontualidades distintas. Uns são mais pontuais que outros e são usados indistintamente para compor o futuro na perífrase.

Diz-se que um verbo é pontual quando as ações (semânticas) nele contidas são realizadas sem nenhuma fase de transição entre seu início e o seu fim. Ora, o que a gramática tradicional espera na composição de uma FPG é o uso de verbo não pontual em sua estrutura, no entanto o que se observa na amostra é a predominância de verbos pontuais na composição da FPG.

Veja-se a condensação dos dados abaixo:

Verbos	Quantidade	Porcentagem
pontuais	18	70%
Não pontuais	8	30%
Total	26	100%

Tabela 1: distribuição dos verbos pontuais e não pontuais na pesquisa.

É certo que na FPG os auxiliares junto ao gerúndio acentuam o caráter não pontual de um verbo. Mesmo assim, quantificou-se 18 verbos com nuances pontuais e apenas 08 com características não pontuais.

Para alguns gramáticos normativos, dentre eles Cipro Neto (2001), está aí a razão para o desprestígio e condenação da FPG: um verbo pontual exercendo uma função outra: a de durabilidade (+ durativo, - durativo).

Ainda se constatou na análise da fala dos professores que, ao lado dos verbos formadores da FPG, a carga aspectual da pontualidade do verbo principal é reduzida, favorecendo a durabilidade do verbo gerundivo. Assim, os verbos *ir* e *estar* reforçam o aspecto durativo da perífrase mesmo com a presença de um verbo pontual.

Possenti (2002) afirma que a FPG não fere a sintaxe do português. Para o autor, “vou mandar” e “vou estar mandando” não são a mesma coisa. A primeira formação remete somente ao futuro, enquanto que a segunda marca futuro e duração. Comunga-se, aqui, do ponto de vista do autor, percebendo-se que *mandar* é um verbo marcadamente pontual. Observe-se:

(16) “...**vou estar mandando** para vocês, por e-mail, alguma coisa sobre a próxima aula... não sei se virei ainda... vocês fiquem atentos ao e-mail, tá?...” (PC)

Da mesma maneira, Perini (1995) também defende a FPG utilizando um verbo menos durativo em seu exemplo: “Manuel vai estar contando piadas.” Segundo o autor, essa construção é bem formada por duas razões: a) o verbo *estar* (auxiliar) é precedido de uma forma de *ir* e o *gerúndio* é precedido do verbo *estar*; e b) o infinitivo antecede o gerúndio.

Para o autor, qualquer desobediência a esses dois pontos configura-se numa frase mal formada.

Segundo a análise tradicional, o verbo *passar* se refere a uma ação ocorrida num momento único. Portanto, ele sugere o início e imediatamente o fim de uma ação, não considerando sua ocorrência numa extensão temporal. Entretanto, o verbo *passar* é o mais recorrente nos dados da pesquisa, ocorrendo três vezes com aspecto durativo, seguido de *solicitar* que apresenta as mesmas características temporais/aspectuais. Vejam-se os dados:

(17) ““Garantam suas carteiras de estudantes pois **vão estar passando** essa semana pessoas para pegá-las. Quem quiser antes pode pegar com Marcos no Departamento. Aviso dado. Continuaremos com a aula....veremos os modelo...” (PC)

(18) “Então eu disse:
-É brincadeira!! Não acredito!! Alí... quer dizer... que **vão estar solicitando** mais computadores para a sala??? Veremos....” (PC)

Já o verbo *fazer* ocorreu duas vezes. Esse verbo pressupõe um tempo homogêneo, ocorre se referindo a tempo exato e prossegue para um término que é necessário para que a ação descrita por ele seja tomada como verdadeira.

(19) “...as pessoas daqui a algum tempo **vão estar fazendo** uso de vários recursos retirados do lixo...ele...o problema maior do povo...um problemão... o lixo será o vilão da humanidade...”. (PC)

Observando-se essas particularidades, nota-se que, potencialmente, todos os verbos estão disponíveis a se perfrásarem, mesmo estes teoricamente improváveis, devido a sua natureza temporal/aspectual.

Desse modo, pode-se afirmar que o uso pelo professor da FPG em sua fala se dá, provavelmente, por duas motivações:

- i) a sintática – já que são construções gramaticalmente combinadas, e,

ii) a pragmática – em que se observa a ocorrência da FPG demandada pelos contextos sociomodernos nos quais o falante se insere.

Nessa segunda perspectiva, a dinâmica das relações de cursividades paralelas se configura em multitarefas, concomitantemente realizadas. Tal fenômeno pode, de imediato, causar certo estranhamento e alimentar conclusões infundadas de que o falante se utiliza das FPG(s) como desculpa para procrastinar a realização de certas atividades, ações em curso, processos. Ou, ainda, para desincumbir-se de maior responsabilidade e comprometimento com aquilo que enuncia.

Conclusão

Este trabalho tratou de analisar sob o foco funcionalista a forma perifrástica gerundiva como codificadora de futuro. Embora quantitativamente escassos, os dados se mostraram suficientes para alimentar algumas conclusões: a primeira delas é a constatação de que os informantes (professores no exercício de suas atividades), a exemplo de qualquer outro falante, também se utilizam da FGP como recurso linguístico para expressar o futuro, a despeito do monitoramento gramatiquero condenar tal uso.

Uma das hipóteses do trabalho foi a de que a FPG, por ser estruturalmente mais longa que sua concorrente, contrariasse a lei da economia linguística proposta por Martinet. Confirma-se essa hipótese, uma vez que o falante passa a utilizar mais itens linguísticos para marcar o tempo futuro.

Com relação à questão do aspecto influenciar o uso de determinados verbos nas FPG(s), os dados atestaram que tanto os verbos pontuais como os não-pontuais estão propensos à perifrazização.

Quanto à hipótese da gramaticalização, alvo dessa pesquisa, aplicando-se o princípio da estratificação, observou-se que a FPG vem sendo usada para renovar/substituir velhas formas/funções com valor igual ou aproximado de futuro. Percebeu-se que as formas mais novas convivem harmonicamente com as mais velhas, desempenhando a mesma função de futuro.

É importante ressaltar a importância de se estudar as várias formas de se representar o futuro, considerando que elas existem, são legítimas e pode ser que umas venham a substituir formas ou mesmo se consagrar pelo uso em total harmonia com as outras codificações de futuro já existentes.

Referências bibliográficas

- BRAGA, M. L. *As orações encaixadas no dialeto carioca*. Conferência apresentada em concurso para professor titular. UFRJ: Faculdade de Letras (mimeo), 1999.
- BRINTON, L.; TRAUGOTT, E. C. *Lexicalization and language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- CASTILHO. *A gramaticalização*. Cadernos de estudos lingüísticos e literários. Salvador: UFBA, 1997.
- CIPRO NETO, P. Pecados capitais da linguagem oral. In: *Revista Veja*. São Paulo: Editora Abril S.A, p. 36-37, novembro de 2001.
- COMRIE, B. *Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge: Cambridge university press, 1976.
- _____. *Aspect*. 3. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

- GIVÓN, T *Discourse and Syntax, Syntax and Semantics*. New York: Academic Press, 1979.
- _____. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins , 1995.
- HEINE, B; CLAUDI, U.; HUNNEMEYER, F. *Grammaticalization a conceptual framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.
- HEINE, B. et. al. *Grammaticalization: a Conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991
- HEINE, B; REH, M. *Grammatical categories in African languages*. Hamburg: Helmut Buske, 1984.
- HOPPER, P.J. Emergent grammar. In: TOMASELLO, M.(ed). *The new psychology of language*. Lawrence Erlbaum: New Jersey, 1998. p.155 – 175
- MEILLET, A. *Linguistique historique générale*. Paris: Libraire Honoré Champion, 1912.
- KURYLOWICZ, J. The evolution of grammatical categories. In: *Esquisses linguistiques II*. Munique: Fink, 1975.
- POSSENTI, S. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.
- PERINI, M. A. *Gramática Descritiva do Português*. São Paulo: Ática, 1995.
- SILVA, M. A. Gramaticalização do verbo ir: Dissertação de Mestrado. (UFRN).Natal, 2005.
- SANKOFF, D. Variable rules. In: AMON, U; DITTMAR, N; KLAUS, J (Eds.). *Sociolinguistics- na international handbook of the science of language and society*. Berlin/ New York: Walter de Gruyter, 1988, p. 184-998.
- TRAUGOTT, E. C; KÖNING, E. The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (eds). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins, 1991.
- VOTRE, S.J.; MARTELOTTA, M.E.; CEZARIO, M. M. Gramaticalização. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ, 2004.